S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 26 de setembro de 1914 — ANO XIII — N. 262

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

DA PORTA DA EUROPA

No meio da tempestade

Enquanto ruge a tempestade, superior a qualquer descrição, a qualquer profecia, nós, os que a ela assistimos, talvez por ela amanhã arrebatados, vamos colhendo ao acaso, aqui e ali, algum facto miudo...

O papa morreu e já está substituido. . Acontecimento de pequena monta, que passou veloz, como numa tela cinematográfica, prendendo fugazmente os olhares.

Morreu o papa, e dizem que morreu de desgôsto por causa da conflagração... Morreu talvez de velho; mas admitamos que o matou o seu pobre e gasto coração, ulcerado pelo horror da monstruosa carnificina.

Mísero, misérrimo fim, para o supremo representante de Deus na Terra! O Todo-Poderoso, que não pôde ou não quis, coitado, evitar o imane conflito, preferiu deixar finar-se de pura mágoa o seu máximo delegado! Tais são os secretos designios da Providência...

O Deus uno, aliás, deve achar-se num embaraço mais do que tríplice; em cada um dos campos inimigos há soldados de tôdas as crenças e Igrejas... Todos lhe elevam fervorosas preces, ferozes e contraditórias, em tôdas as linguas e segundo todos os ritos. Se o proprietário dos céus ainda tivesse cabeça, perdê-la-ia desta vez; e o seu gesto mais provável seria, como o de Pio X, um falecimento oportuno.

Triste e mesquinho papel o da poderosa Igreja Católica!

Quando dominava, quando dispunha a seu bel-prazer dos reis e dos súbditos, quando manejava o braço secular, provocava ela própria as guerras sangrentas e duradoiras.

Hoje, quando finge confinar-se no poder espiritual, quando toma atitudes resignadas de pacificadora universal, tem de assistir lamentávelmente, impotente e lacrimosa, com falsas lamúrias e desmaios hipócritas, ao espectáculo horrendo duma infernal chacina...

Triste e mesquinho papel...

Há poucas semanas que temos ministros socialistas na Bélgica e na França: Vanderveld, Guesde, Sembat. Se Jaurès não tivesse sido assassinado, seria a estas horas membro do govêrno de defesa nacional.

Terá já triunfado o socialismo?... Parece que ainda não... Na hora do supremo perigo, foram apenas riscadas as fronteiras... entre os partidos..

Terá a burguesia aproveitado o ensejo para absorver completamente o socialismo democrático, já antes com o pé no estribo... parlamentar?

Terá a classe dominante empunhado por aquela fórma o escudo socialista contra possíveis sobressaltos populares, servindo-se dele como arma defensiva para as ocasiões extremas?

Ou quis a burguesia apelar, como sempre, nas horas trágicas, para as potentes energias populares, para o vivificante espírito revolucionário?...

Mas para isso não basta nomear dois ou três ministros socialistas... com funções burguesas. Seria necessário ir até ao fundo, até à completa e efectiva igualização económica, política, social... Àssim o reclama Desbois, na *Bataille Syndicaliste* de 31 de agôsto:

«Na hora actual, já não deve haver pobres nem ricos; nem privilegiados, nem espoliados. Sob o impulso dos acontecimentos, elabora-se um mundo novo. O património nacional era apenas de alguns. Para se consolarem dos seus males, os criadores de tôdas as riquezas não desfrutavam senão vagas liberdades, incluindo a de morrer de fome. Todavia, no meio das armadilhas dos possuidores, os não possuidores podiam organizar-se e elaborar aos poucos um futuro equitativo. Era êsse o seu único bem.

«Hoje, ao mesmo tempo que defendem a riqueza da qual não possuiam quinhão algum, defendem aquele haver moral.

«Mas ricos e pobres, operários e ociosos compartilham os mesmos riscos, correm os mesmos perigos. A fronteira do «teu» e do «meu» deve ser abolida, para sempre abolida. A sociedade egoista de há pouco cedeu o lugar a uma sociedade igualitária. Que seja duradoira a união sagrada na desgraça! Que desapareça para sempre a exploração humana, vergonha do nosso planeta! Esta revolução pode fazer-se de comum acôrdo, na hora em que cada um tem necessidade de todos. Pode fazer-se sem verter outro sangue que não seja o que é oferecido em holocausto à defesa do solo. Porventura a adesão dos trabalhadores, de todos os trabalhadores, à defesa duma propriedade e dum bem-estar que lhes foram sempre interditos, não merece que se proclame, sob o fogo do inimigo, a igualdade de todos os homens que fazem de antemão o sacrifício da sua existência?»

A burguesia deixará decerto que êste derradeiro apêlo pacífico seja abafado pelo fragor da artilharia, e passado o perigo, pretenderá reatar a exploração...

Entretanto a tormenta ruge, pavorosa e insondável...

LISBOA, 7 DE SETEMBRO.

Neno Vasco.

DEUS

O Ser ao qual até aqui os habitantes da Terra chamaram Deus não existe. O Buda dos chineses, o Osíris dos egipcios, o Jeová dos hebreus, o Jupiter dos gregos, o Deus-Padre ou o Deus-Filho dos cristãos, ou o grande Alá dos mussulmanos, são concepções humanas, personificações criadas pelo homem e nas quais ele incarnou não só as suas mais altas aspirações e as suas mais sublimes virtudes, mas ainda e sobretudo as suas prevaricações mais grosseiras e os seus vicios mais perversos.

Em nome desse pretenso deus é que os monarcas e seus pontifices, em todos os seculos e sob a capa de todas as religiões, teem reduzido a humanidade a uma escravidão de que ela ainda se não emancipou; em nome desse deus que "protege a Alemanha", que "protege a Inglaterra", que "protege a Italia", que "protege a França", que protege todas as divisões e todas as barbarias, é que ainda hoje os povos pseudo civilizados do nosso planeta estão perpetuamente em pé de guerra uns contra os outros e são atiçados como cães furiosos para se precipitarem numa peleja por cima da qual a hipocrisia e a mentira, sentadas nos degraus dos tronos, fazem reinar o "deus dos exercitos", que abençoa os punhais e mergulha as mãos no sangue fumegante das vitimas para com ele marcar na fronte os potentados coroados.

Em nome desse deus é que os pontifices fizeram ignominiosamente subir á fogueira Joana d'Arc, Giordano Bruno, Estevão Dolet, João Huss e tantas outras vitimas heroicas; é que eles condenaram Galileu e abençoaram a matança de S. Bartolomeu; é que os estandartes de Maomet cobriram a Europa de exercitos de assassinos; é que todos os reis do "povo de Deus" não cessaram de derramar sangue humano; é que Gengiskhan e Tamerlão marcavam os caminhos das suas conquistas com piramides de cabeças cortadas.

E' a esse deus que se levantam altares e que se cantam "Te-Deums". Simbolo da opressão dos povos, do assassinato e do roubo, esse ser infame não existe, nunca existiu.

Camilo Flammarion.

DE PARIS

Da costa normanda a Paris

II

A' primeira vista, a capital atarefada, viva, pensativa, recorda-me o Paris de então. Não o Paris da orgia imperial e das blusas brancas que berraram «Viva a guerra!», mas o Paris republicano, ardentemente patriota e todavia já internacionalista, que nasceu depois de 4 de setembro.

De 2 a 9 é a semana historica. Comoventes funerais de Jaurès, aproximação dos cidadãos para a defesa comum, declaração de guerra, marcha — prevista desde ha trinta anos! — dos alemães pela Belgica para tornear as defesas francesas das Ardenas e do Mosa; a defesa heroica de Liège, que derribando ao primeiro golpe o plano dos invasores, permite conjecturar a vitoria final.

Passam-se dias numa atmosfera de entusiasmo grave. A despeito de alguns saqueios — uns, os que se dirigem a tabuletas de aparencia estrangeira, odiosamente estupidos; os outros, os que visam esfomeadores, plenamente justificados — é belissimo o comportamento da população. Nos arrabaldes reina o espirito civico de 1792, e háveis de ver que com os pensamentos de actualidade se mesclará uma germinação inteira de ideias sociais. Do formidavel choque actual surgirá um completo renovamento de vida.

As correspondencias da provincia chegam com atraso, mas favoraveis. As que recebo da Normandia mostram que a especulação sobre os generos, depois de tentada nos primeiros dias, foi logo detida. Para certos comestiveis foi estabelecido um maximo. Salvo a carne verde (para bife, 2 francos o arratel), as subsistencias não encareceram. O peixe e os legumes estão baratos.

São enfim restabelecidas para os viajantes paisanos as comunicações com as provincias. Pois que em Paris não ha luta, nem a haverá provavelmente, pode a gente sem recursos dar um pulo até á provincia. Lembrame que, com a pressa de voltar, deixei em Dieppe, á espera de poderem partir para Londres, uma doente e dois pequenos. Corramos ali!

Na estação de S. Lazaro, embuto num empregado bonito, de barba de oiro, que se comporta com a impertinencia dum sargento prussiano; por um triz não nos engalfinhamos. Em compensação, a autoridade militar mostra-se muito atenciosa e parto na mesma noite.

O trajecto dura dez horas em vez de tres — contratempo insignificante em tempo de guerra. Os passageiros teem melhor espirito que os amedrontados vindos comigo sete dias antes. Ha entre eles um inglez de pulsos tatuados, um marinheiro provavelmente, que vai lutar sob as dobras do *Union Jack*. O comboio descongestiona-se em Ruão, e de repente, de Ruão a Dieppe, é um dueto com uma jovem, espirituosa e ousada viajante tirada dum capitulo de Marcel Prévost. Isto compensa o burocrata insolente de S. Lazaro!

Em Dieppe, se está perdida a estação, o casino continua aberto, os banhos tambem; as ruas estão animadas, a vida mantem-se. Os jornais de Ruão chegam de manhã, os de Paris á noite: são arrebatados. Ha tambem algumas noticias afixadas que não dizem grande coisa. O serviço de vapores entre Dieppe e Newhaven foi restabelecido, não já diariamente, mas tres vezes por semana.

Os camponeses continuam a fornecer legumes, manteiga, leite, a preços razoaveis. De mais, em presença dos veementes protestos contra os especuladores, a autoridade municipal tomou algumas medidas. Na *mairie*, distribuem-se socorros. Oh! não é — a distancia é grande! — o largo comunismo racional que o futuro nos reserva e ao qual chegaremos sobretudo graças a uma superabundancia de produção e á formação duma mentalidade nova. Mas, enfim, não é a miseria atroz com que contavam os bandidos coroados da Alemanha e da Austria.

A pesca, interrompida por um instante, recomeça em parte: de tempos a tempos, algumas barcas trazem peixe vendido muito menos caro do que quando os comboios de pescaria levavam tudo para Paris. O oceano continua a ser uma inesgotavel despensa. Permanece em poder dos franceses e ingleses, esses rivais encarniçados de ontem, hoje amigos, como amigos serão mais tarde todos os homens: até aqui nenhum navio de guerra alemão se arrisca á vista das costas normandas.

Penso nas numerosas profecias dos escritores militares que, desde a guerra de 1870, predisseram a ruina da Inglaterra, derrotada no mar e em terra pela sua rival economica. E' absolutamente o contrario que parece destinado a dar-se. A pesada, pedante, insuportavel hegemonia que o imperialismo alemão se esforçava por fazer pesar sobre o mundo, tanto sobre os brancos da Europa como sobre os negros da Africa, desde os mares da China ás duas Americas, vai ser sacudida pela revolta universal. Nunca a Inglaterra teve ensejo mais propicio para despedaçar o poder da sua perigosa rival. E mais uma vez vai retumbar vitoriosamente nos mares o *Rule Britannia!*

Quarta-feira, 12. Chegada do vapor *Arundel*, vindo de Folkstone. Até nova ordem, será por esse porto que se farão as comunicações com a Inglaterra, estando agora o de Newhaven fechado á navegação comercial.

Aí está uma coisa que retarda por alguns dias a partida da minha gente para Inglaterra e o meu regresso a Paris. Quereria a gente estar em todas as partes ao mesmo tempo e consome-se na inacção prestando ouvidos ao canhão da Belgica. Mas é preciso ter paciencia; entretanto, vamos escrevendo artigos para *La Bataille Syndicaliste!*

Paris, 17 de agosto de 1914.

Carlos Malato.

EM PORTUGAL

OS HORRORES DO FANATISMO

Uma doente transformada á força em santa

Em Tarouca foi descoberta uma torpe exploração praticada com uma desgraçada desvairada, com a monomania da solidão e que foi encontrada por romeiros debaixo duns penedos no alto da serra de Santa Helena.

Inquirida por diversas pessoas, disse chamar-se Carolina, tem irmãos, é natural de Penajoia, já esteve na serra do Marão 14 dias, tendo ainda de percorrer mais sete capelas. Está ali desde o dia 13 de maio, sem comer, sómente bebendo agua, o que ninguem de senso e ilustração acredita.

Daqui, é claro, o epiteto de santa.

O boato, imediatamente espalhado pelas terras proximas e longiquas, deu em resultado uma constante romaria ao alto da Serra.

Foram ali umas mulheres bondosas com mais ilustração, e vendo o miseravel estado de fraqueza e magreza em que a infeliz se encontra, devido á fome que passava, resolveram, com assentimento dela, transporta-la para esta vila. Depois de expurgada de milhares de pulgas e piolhos, deitaram-na numa cama, principiaram a dar-lhe alimentos, que recebia sofregamente, dizendo não querer voltar para a serra por causa do povoleu que a matava.

O povinho, de crassa ignorancia, e fanatizado, exasperando se contra o acto humanitario, arrancou violentamente a pobre mulher, transportando-a novamente para a capela de Santa Helena. Este acto deshumano foi reprovado por todas as pessoas de senso e ilustração.

Os que mais furiosos ficaram contra o acto de humanidade praticado com a pobre doente foram os taberneiros do lugar que não queriam perder a freguezia atraida pela *santa*.

E isto: o fanatismo anda sempre acompanhado da brutalidade e da exploração.

ALEMANHA

A Igreja e a social-democracia

Segundo *La Pensée*, de Bruxelas, resumimos um artigo interessante de Conrad, publicado no *Freie Wort*.

Há meio seculo, o partido operario alemão achava-se todo sob a influencia de Lassalle, que, ocupando-se apenas do problema economico, deixava de parte a questão religiosa.

Quando, porêm, com Bebel e Liebknecht, os "homens de Eisenach" se separaram do partido, sofreram estes a influencia de Darwin, Strauss, Büchner, etc. Sobretudo Bebel, que, na sua brochura *Cristianismo e Socialismo*, expôs em 1874 as suas concepções anti-religiosas. Ali se acha esta frase significativa: "O fim da social-democracia é, no terreno politico, a republica; no terreno economico, o comunismo; no terreno religioso, o ateismo." Na sua opinião, devia combater-se sem hesitação tudo o que se reconhecia hostil á cultura.

O programa dos eisenaquianos incluía "a separação da Igreja do Estado"; mas isso não bastava a numerosos grupos do partido. Já no segundo congresso, o de Dresda, em 1871, um delegado propôs que se provocasse por todos os meios a saida da Igreja, afim de se realizar a parte do programa relativa á separação da Igreja do Estado. Esta proposta só foi rejeitada por um voto de maioria.

No Congresso de Moguncia (1872), foi aprovada a seguinte proposta: "O Congresso recomenda aos membros do partido, que pela aceitação do programa romperam de facto com todas as confissões religiosas, que executem tambem formalmente a sua saída de todas as comunidades religiosas."

No Congresso de Coburgo (1874), não faltou quem pretendesse ir mais longe, e Marburg fez esta proposta: "Todos os membros do partido devem considerar-se como não tendo confissão e efectuar portanto a sua saída da Igreja." Mas a maioria não quiz ir até esse ponto.

Em 1875, fundiram-se os lassalianos com os eisenaquianos, elaborando-se novo programa, o de Gotha. E' aqui que, pela primeira vez, se viu figurar: "A religião questão privada," divisa que passou depois para o programa de Erfurt, ainda em vigor.

Quando, porêm, o prègador de côrte Stoecker fundou o partido dos operarios social-cristãos, em 1878, João Most, num grande comicio celebrado em Berlim, propôs aos operarios socialistas que respondessem a esta provocação com uma saída em massa da Igreja. Este movimento tomou tal extensão, que houve inquietação nas esferas governamentais, pronunciando então Guilherme I estas palavras: "E' preciso conservar ao povo a sua religião." A distribuição de formulas para a saída da Igreja foi ferida de penalidades. A lei de excepção contra a social-democracia fez passar a religião para o ultimo plano; mas, quando o partido elaborou novo programa, de varios lados procuraram leva-lo a adoptar uma atitude mais decidida a respeito da Igreja.

No Congresso de Halle (1890), o dr. Ruedt propôs que se interpretasse a regra "A religião é questão privada" neste sentido: a social-democracia não intervêm nas convicções religiosas dos seus membros, tomados individualmente, mas combate toda e qualquer Igreja que, em nome dos dogmas, ataque os esforços da classe operaria para conquista da sua emancipação politica e social. Esta proposta foi repelida graças ás instancias de Liebknecht, que, baseando-se na formula do materialismo historico, se exprimiu assim: "A Igreja não passa hoje de um apoio, de um instrumento do Estado de classe, o qual tem por base o modo de produção capitalista; por ele se matêm e com ele cairá. Ataquemos a base economica em que assenta o Estado de classes actual, assim como a Igreja e o poderio do clero, e desmoronada a base, tudo desabará com ela." Era dizer que toda a luta directa contra a Igreja era inutil, era um desperdicio de forças.

Entretanto, a questão da saída das Igrejas não deixou de estar na ordem do dia. Reapareceu nos congressos de 1892, 1893, 1894, 1895, 1902. Neste ultimo, a Welker, que propuzera uma campanha nos distritos onde dominava o Centro (partido catolico), respondeu Vollmar, dantes um dos mais activos socios do Livre Pensamento de Dresda, que isso seria fazer um mau serviço!

Em 1905 e em 1909, repetiu se novamente o debate, e não certamente pela ultima vez.

O autor do artigo conclui:

"Quando apareceu, a social-democracia era hostil á Igreja; mas, por motivos de oportunismo, encerrou-se depois na neutralidade. Não ficará, porêm, aí: não vimos nós o filho de Liebknecht ser o primeiro a revoltar-se contra a tatica de seu pai e a adoptar novo metodo?"

Com efeito, o filho de Liebknecht recomenda energicamente a saída das Igrejas.

A neutralidade compreende se nos agrupamentos economicos, que reunem os homens pelas suas condições e interesses; mas não nos partidos, organizados em torno de ideias. Nestes, só se explica pelas nefastas conveniencias eleitorais...

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

A GUERRA

I

A guerra prosegue com seu cortejo terrifico de horrores. E' Louvain incendiada, Malines bombardeada. São outras cidades, inumeras, devastadas. São milhares de seres, ontem fortes, bravos; jovens a quem a vida prometia venturas, a quem a existencia sorria; hoje, arrojados ao nada, pelas mortiferas balas. São rudes operarios, arrimos de velhos pais, ou de pequeninos seres, que balas assassinas fazem tombar para todo o sempre. São milhares de familias sem pão, é a miseria que surge, o aumento da prostituição, o desespero, a angustia, a agonia! E' o roubo, são os vicios que aparecerão fatalmente. E isto tudo por *patriotismo!* Mentira! Mentira!... A patria é mãe carinhosa, e não odiosa madrasta! Não! E' preciso protestar com toda a energia contra essa concepção monstruosa da patria.

Somos patriotas. Amamos com carinho o Brasil, pois apezar de tudo nos orgulhamos de ser brasileiro. Mas se nos dissessem «vai batalhar pela patria!» responderiamos: «Não, pois não sou assassino!»

Amamos nossa patria. Queriamos ve-la progredir, no comercio, na industria, na sciencia, na arte.

Uma profunda tristeza se apodera de nós, ao pensar que o seu governo caiu, por uma fatalidade em mãos inabeis de incompetentes! Entristece-nos pensar que a republica trouxe para o Brasil uma horrorosa decadencia moral. Revoltam-nos as violencias, os crimes praticados pelos governos. Pesa-nos pensar que a Constituição seja uma palavra sem sentido.

Os maus dias que correm nos entristecem. Somos patriota. Mas se para ve-la grande fosse mistér passar por cima de montões de cadaveres, se fosse mister elevar-se sobre um pedestal de ruinas e de sangue, então desejariamos que continuasse nossa patria como vai.

II

E' mister combater o militarismo, a admiração pelos guerreiros.

Não é a patria, é a ambição humana quem reclama a guerra.

E a multidão, iludida, julgando combater pela patria vai, estupidamente, matar ou morrer, para que se satisfaça a ambição de um governo. E' mister combater, sem treguas, o malfadado militarismo. E' mister combater a admiração pelos feitos de armas. E' preciso mostrar o genio guerreiro tal qual é: odioso, mesquinho, perverso.

Napoleão, Alexandre, Cesar, foram bandidos!

Lembramo-nos de uma anedota, que lemos ha alguns anos:

Levaram á presença de Alexandre Magno um pirata aprisionado. O rei perguntou-lhe: «Por que motivo atacas os navios, com que direito saqueias e roubas os navios e lhes matas as tripulações que resistem á tua intimação?» «Pelo mesmo motivo e com o mesmo direito com que tu atacas os povos e matas os que ousam resistir, pelo mesmo motivo e com a mesma razão com que tu reunes ao teu territorio os povos que subjugas com tuas armas. A diferença é esta: a mim, como possuo um só navio, chamam-me pirata, a ti que dispões de exercitos, chamam-te conquistador!»

E' pequena a diferença entre um heroi e um pirata.

III

Os jornaes vêm cheios de atrocidades alemãs. Horrorizanos, de certo, ver Louvain incendiada.

O chanceler do imperio alemão, em telegramas, declarou que se algumas cidades belgas, não todas, foram destruidas, esse facto lamentavel foi praticado em represalia ás barbaridades dos belgas. Na Belgica, acentua o chanceler, as mulheres — até as mulheres — vasavam os olhos e degolavam os soldados teutonicos, que eram obrigadas a alojar.

E esse facto horrivel foi publicado em telegrama, que com a responsabilidade de seu nome o chanceler do imperio germanico, autorisado pelo kaiser, enviou ao presidente dos Estados Unidos. No *Jornal do Commercio*, edição da tarde, se relatam outros factos horriveis praticados pelos belgas. E' assim que os belgas assassinaram aos feridos e até os enfermeiros da Cruz Vermelha.

Reportemo-nos ao referido jornal de 9 de setembro, edição da tarde.

Soldados teutonicos se achavam feridos em uma aldeia da Belgica. Proximo se travava violento combate. Os alemães vencedores avançavam deixando os companheiros feridos sem guarda.

Na manhã seguinte voltando a ambulancia trazendo mais feridos deparou um tragico espetaculo. Os feridos da vespera tinham sido apunhalados e até os enfermeiros, porque eram alemães. Quando a Belgica foi invadida, alemães foram linchados em Bruxelas e Anturpia. Os russos degolaram uma mulher, empalando em cima de um muro os cinco filhos que possuia.

Quatro cossacos violaram uma senhora casada e ao mesmo tempo que esbofeteavam o marido e o obrigavam a assistir a esse acto de selvageria, diz o *Jornal do Comercio* de 11 de Setembro (edição da tarde). Somos contrario á Alemanha e á Austria, desejamos que se jam batidos os provocadores da guerra européa, mas é preciso ser justo.

O mal é a *guerra*. E' infame, é torpe, é indigno do estado actual a que chegamos o espectaculo tetrico que nos apresenta a guerra, Moloch insaciavel, numa ancia de desespero, portadora do luto e da orfandade.

Rio, 12 de setembro de 1914.

Eduardo Vital.

Aos nossos assinantes

Da linha Paulista

Começa terça-feira a percorrer as localidades servidas pela linha Paulista o nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

Ficam, portanto, os amigos e assinantes dessa zona avisados.

A Lanterna vivendo exclusivamente do auxilio dos seus assinantes, estes não podem deixar de contribuir pontualmente com a modesta importancia de sua assinatura.

Apesar da epoca não ser das mais folgadas, com um pouco de boa vontade todos poderão saldar os seus debitos.

E se isso não fizerem, porão em perigo a existencia de um orgão indispensavel para a nossa propaganda que tantos sacrificios tem custado para ser mantido.

O nosso companheiro visitará em primeiro lugar e na devida ordem as localidades seguintes:

Jundiahi, Campinas, Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Araras, Pirassununga, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro, Palmeiras, Rio Claro, etc.

Da Estrada Central

Embarcará tambem por estes dias para proceder á cobrança na linha Central, o nosso companheiro José Romero, que iniciará o seu trabalho pelas seguintes localidades:

Mogí das Cruzes, Guararema, Jacarehi, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena, Guaratinguetá, Cachoeira, Cruzeiro, etc.

Aos assinantes e amigos destas cidades repetimos o apelo acima feito, certos de que seremos atendidos.

SANTA...

Feliz, muito feliz que foi a Madalena,
Buscando sempre a crença antiga e abençoada
Que muita vez lhe trouxe a carne esfarrapada,
Na luta contra o amor... a luta mais amena.

Depois arqueou... tremeu a flor despetalada
E quiz um novo orvalho, uma manhã serena,
Que ela sentia farta a viril açucena,
Pois fora sempre assim... mas nunca contentada!

E amou... e mais gosou a idade pervertida,
Unindo o corpo ao corpo enfebrecido e puro
Do Nazareno, em fogo a boca resequida...

O remorso, mais tarde á corteză suplanta...
(Tambem me arrependi... não mais amar eu juro
Que o goso deu-me o mal...) e o goso fê la santa!...

Carmen d'Avila.

Guaratinguetá, III — IX — MCMXIV.

UMA PAGINA DE HISTORIA

O violento pontifice Inocencio III não havia de poupar um Raimundo. A perseguição dos herejes foi oficialmente organizada em Tolosa mesmo, diante da residencia do conde, e dois monges de Cister, chamados "juizes das heresias", tornaram-se os verdadeiros donos da cidade: foram os primeiros inquisidores, os que fundaram, para um periodo de mais de seis seculos, o terrificante tribunal das masmorras, das torturas e das fogueiras. Aos monges armados do gladio espiritual, vieram juntar-se o legado do papa, Pedro de Castelnau, e o missionario fanatico "frei Domingos", conego de Osma, "o mais humilde dos prègadores", dizia ele, mas um daqueles que mais alto falaram em nome da vontade divina. Esse primeiro dos dominicanos foi, antes de tudo, um amaldiçoador. Os calembures, as coincidencias fortuitas de nomes tiveram sempre grande papel nas impressões que a multidão recebe e que para muito tempo fixam as suas lendas. Assim o cão simbolico dos dominicanos — *Domini canis* justificava na imaginação popular os latidos e furiosos assaltos dos monges brancos contra todos os herejes, do mesmo modo que Pedro era considerado como fundador da Igreja porque todo edificio repousa sobre uma "pedra angular": *tu es Petrus et super hanc petram ædificabo.*

Mas a obra de purificação não avançava bastante depressa. Foi então, em 1207, que Inocencio III fulminou a sua ultima ameaça contra Raimundo, admiravel exemplo da linguagem diplomatica da época: "Se pudessemos abrir o teu coração, nele achariamos e te mostrariamos as abominações detestaveis que cometeste. Mas como ele parece ser mais duro do que a pedra, dificilmente se poderá nele penetrar ferindo-o com as palavras da salvação... Entretanto, embora tenhas pecado gravemente tanto contra Deus e contra a Igreja em geral como contra nós em particular, avisamos-te e ordenamos-te façàs pronta penitencia, proporcionada ás tuas culpas, afim que mereças obter os beneficios da absolvição. Se não, como não podemos deixar impune tamanha injuria feita á Igreja e mesmo a Deus, fica sabendo que te mandaremos tirar os dominios que da Igreja recebeste, e se esta punição te não corrigir, imporemos a todos os principes vizinhos que se levantem contra ti, como inimigo de Jesus Cristo e perseguidor da Igreja, dando a cada um deles licença de ficar com todas as terras que puder tirar-te, para que o paiz deixe de estar infectado de heresia..."

Esta licença de saqueio concedida aos vizinhos foi mais eficaz do que todas as objurgatorias, anatemas e suplicas. A cruzada prègada contra o sul das Galias foi sobretudo um negocio, cujo pretexto era a heresia: é assim que hoje todos os conquistadores europeus de terras de Africa ou de Asia dão a seus apetites e especulações belas razões de humanidade que, aliás, não enganam pessoa alguma. Os aventureiros apresentaram-se em multidão, mas precisavam de mercenarios para soldados, e sem abundante saque como haviam de os arrastar? Porque a fé, de per si só, era bem insuficiente para lhes estimular o zelo. O terem milhares e milhares de herejes "catarios", "patarinos" ou *bonshommes*, sobre a natureza espiritual do "filho de Deus", opiniões em desacordo com as dos prelados, não era bastante para sublevar de furor as massas profundas das populações da Borgonha e da Ilha de França: precisavam de razões mais substanciais. Ora o Sul era rico: as suas industrias tinham feito dele um grande foco de atracção para os tesouros do mundo mediterraneo. Dirigindo-se aos bandoleiros, aos rapinantes de todas as especies que as guerras feudais e as expedições do Oriente tinham feito surgir, dando aos seus crimes passados e futuros a absolvição papal, acompanhada pela certeza do paraizo, Simão de Montfort, Foulques, o bispo trovador, e o feroz Domingos puderam reunir em torno deles bandos bastantes numerosos para atacar as poderosas comunas do Meio-dia. Demais, aos rapinantes e malandrins, chamados de todas as regiões da Europa, até do fundo da Alemanha, bastava seguirem em terras cristãs as tradições de devastação e mortandade aplicadas em terras mussulmanas. A empresa devia ter o nome de "cruzada", gozar as mesmas preces e os mesmos incitamentos que a marcha para a libertação do Santo Sepulcro, fornecer aos combatentes quinhão igual de terra e de saque. "Qualquer homem, certo embora da sua condenação eterna" alcançaria o seu perdão só pelo facto da sua participação na matança: mas tambem podia — coisa sem duvida mais preciosa para ele — conquistar sacos de metal soante — o bastante para comprar um dominio — no assalto de alguma rica cidade de patarinos, ou mesmo duma cidade de bons catolicos, contanto que houvesse um pretexto de captura.

Quantas vezes não foi clamada, sob formas pouco variadas, a famosa frase do monge de Cister, incitando á soldadesca ao morticinio de Beziers: "Matai, matai, que Deus reconhecerá os seus!" Matou-se muito, pois; em seguida, após as batalhas e conquistas, vieram as operações frutuosas do fisco e da Igreja: confiscação por causa de heresia, impostos e multas, comercio de feudos civis e eclesiasticos. No ajuste de contas, entendiam-se bastante facilmente com os senhores e barões, porque as diferenças era o pobre povo que as havia de pagar; mas contra as cidades, contra as comunas nas quais soprara o espirito de liberdade, foram implacaveis as vinganças.

A franca iniciativa do cidadão, eis o inimigo!

Eliseu Reclus.

PELAS PUBLICAÇÕES

«**Homem**», de Afonso Costa. — Sabemos que o conhecido literato baiano Afonso Costa nos dará até o fim do ano um novo livro, «Homem», coleção de contos realistas, em que o autor mais uma vez patenteará a agudeza da sua pena de escritor e de observador dos recessos da alma humana.

O livro vai ser editado pela casa portuense Magalhães & Moniz, o que é uma garantia de que a feição material do trabalho ficará á altura da sua feição intelectual.

Anuario do Amparo, para 1914, com informações sobre Amparo, Pedreira, Monte-Alegre, Socorro, Serra Negra, Espirito Santo do Pinhal e Itapira, organizado pelos srs. Aristides Fernandes e Caetano Miele. — Recebemos um exemplar desta bem feita publicação da cidade de Amparo.

Não obstante ser o 1.º volume que vem á luz e ter sido confecionado ás pressas e com pouco tempo, segundo o confessam os seus organizadores, o «Anuario do Amparo» é uma das nossas melhores publicações na especie.

As suas 260 paginas contêm, além de grande messe de informações e fotografias de varios generos, variada e selecta colaboração, onde se destacam os nomes de Nuto Sant'Ana, Antonio Faria, dr. Pedro Krahenbuhl e muitos outros distintos beletristas.

Esperamos que o 2.º volume do «Anuario», a aparecer em 1915, seja tão bom como o primeiro, deste ano.

O 20 DE SETEMBRO NO RIO

Comemorando a data que viu ruir por terra, destruido pelos idealistas liberais orientados por Garibaldi, o poder temporal e despotico dos papas, realizou esta associação, na sua séde, uma sessão bastante concorrida.

Não obstante a anormalissima situação que ora atravessamos e que traz todos os espiritos apreensivos diante das incertezas do que advirá da serie de calamidades que resultarão do do pungente drama que se desenrola na Europa, calamidades que a todos ameaçam, foi regular a concorrencia, sobretudo de senhoras e crianças.

A's 20 horas, aberta a sessão, falaram os camaradas José Oiticica, Edgard Leuenroth, Candido Costa e Carlos Lacerda, todos relembrando os episodios desta luta, sempre em estado latente, do despotismo religioso contra a liberdade de pensamento, do povo oprimido contra uma minoria espoliadora que se julga intermediaria do poder divino e que se esforça por todos os meios em conservar na mentalidade das massas ingenuas as crenças de éras passadas.

O camarada Almicare Boni recitou a fabula «A cotia beata», de José Oiticica; as senhoritas Carolina e Elvira Boni tambem recitaram o «Genesis» e «Fantasmas», de Guerra Junqueiro.

Seguiu-se uma pequena reunião familiar, tendo sido sorteados diversas prendas, cujo producto foi destinado a auxiliar as despezas da associação.

A' 1 hora terminou a pequena festa que deixou em todos boa impressão.

ACHATANDO CLERICRAPULAS

Em refutação ao jornal catolico *O Semeador*, que inserira algumas linhas contra os tenebrosos planos da Igreja Catolica na America, um clericrapula jornaleco qualquer dos muitos que por aí abundam e que assim se apelida, publicou uma estirada "semeada" de tolices, embustes e contradicções.

Falsario, como todos os seus colegas de oficio, o indecente papelucho que responde por *Semeador* adultera jesuiticamente a Historia no que á Igreja Catolica se refere.

Depois de colocar tres palmos acima da lua os Nobregas e os Anquietas (este ultimo assassino e incendiario, como demonstrou o pastor Alvaro Reis ao Carlos de Laet, em polemica com ele, em 1908), o asqueroso foliculo afirma sem pejo algum que "está na consciencia das multidões sensatas de todos os seculos a admiração pela Igreja, que Jesus Cristo fundamentou na resistencia granitica de Cephas."

Imbecil! Embusteiro!

Quando foi que a Igreja Catolica causou admiração a alguem a não ser pelos seus abominaveis crimes?

Depois, acrescenta:

"A Santa Sé jámais pretendeu coroar-se com os louros esfemeros desta vida, tendo o seu trono assentado sob (?) (nem sabe portuguez!) cadaveres ou vencidos."

Ah, meu chato clericrapula!

Tu, que tanto presumes de saber historia, negas assim, abertamente, que a tua Igreja Catolica houvesse pretendido reinar neste mundo?

E Gregorio VII, o sem vergonha e hipocrita frade Hildebrando? Esqueces ou ignoras que este adultero e assassino representante de Deus na Terra queria transformar a Europa numa monarquia teocratica, cujo imperador seria ele?

Ah, clerical chato! Ah, grandissimo sacripante, cloaca imunda de todos os embustes!

Canalhas! que jámais podereis dispensar a mentira para dar curso dos vossos tenebrosissimos planos!

Clerical cinico, escuta mais um pouco; aguenta a dôr das orelhas e presta atenção a mais este pedacinho:

As guerra do papado e do Imperio, iniciadas por Gregorio VII e Henrique IV, no seculo XI, e prolongadas até Gregorio IX e Frederico II, que outra coisa não foram senão os planos liberticidas, os esforços desesperados da tua abominavel Igreja para dominar o mundo?

Ah, *Semeador* embusteiro!! Como te enganas, pretendendo enganar aos outros!

Mas, impenitente sempre e empedernido no embuste como todos os da sua grei, o *Semeador* prosegue ainda:

"A ordem e o bem publico, a civilização (?) pelo Evangelho teem sido a sua (da Igreja) preocupação de ha 20 seculos."

E no entanto, apezar de transcorridos essas duas dezenas de seculos, conforme o jornaleco confessa, é mais do que certo que a Igreja ainda não conseguiu nem civilizar os povos, e menos todavia fazer a felicidade dos mesmos.

Que mais lhe resta fazer?

Suicidar-se!

Muito mais poderiamos dizer, mas não dispomos do necessario tempo e espaço e além disso — francamente — não estamos dispostos a gastar paciencia, tinta e papel com clericais de má fé, falsario e borrachos!

Rio — 9 — 914.

Cesario Paepinho.

A AVO' DA REVOLUÇÃO RUSSA

Catarina Brechkovskaia

Irkutsk não é longe bastante, ao que parece, nem bastante sólidos os selos postos todas as noites sôbre a sua célula para domar a consciência duma mulher de setenta anos! O govêrno russo, com efeito, decidiu recentemente enviar Catarina Brechkovskaia para o deserto polar, para *Nijnekolymsk*, muito perto do oceano Árctico. A *Casa dos Mortos* de Dostoievsky é um brinquedo imaginativo ao lado desta terrificante realidade. E' o último desafio ao heroismo daquela mulher. Durante semanas e semanas será ela arrastada através dos gelos e neves do mar polar e do temível estreito de Behring, onde ficou gelado, em 1878, o célebre barco Wega, de Nordencheld.

Nijnekolymsk fica a 500 léguas de Irkutsk e a 11.000 léguas de S. Petersburgo. E' uma aldeia onde a miséria é acentuada por um frio implacável:

«Uma velha igreja e trinta e duas choupanas, sem telhados, simplesmente cobertas de terra e musgo. Blocos de gêlo em guisa de janelas e fogões primitivos forrados de argila. Enquanto arde a lenha faz ali calor; mas, de noite, a água gela sobre a mesa e os travesseiros guarnecem-se de geada.

«Por única iluminação, uma tigela cheia de gordura.

«Não há leite nem legumes. O único alimento, tanto de verão como de inverno, é o peixe: peixe cozido, peixe sêco, peixe cru. Tôdas as primaveras, chega a fome normal, da qual já se não tem medo, à fôrça de hábito: os habitantes apertam um pouco mais a cinta, sofrem e esperam. Arrancam as peles que abrigam a porta, tiram-lhes o couro e fazem com êle a sopa.

«No verão, o sól nunca se põe; no inverno, há meses de trevas: mesmo ao meio dia, é impossivel ler. O frio, de dia para dia, é de 50 graus Réaumur. Os homens são todos atacados duma sonolência estranha, como os esquilos que invernam nas cavidades das árvores, e apertam-se muito estreitamente afim de conservar o calor do corpo.

«Em março, e sobretudo em abril, quando o sol de regresso ilumina sem se pôr e sem aquecer, o tapete de neve transforma-se em vidro e fere a vista. A' triste sonolência do

inverno sucede a cegueira dada pela neve, bem como uma espécie de demência primaveril. Todos os habitantes andam com os nervos excessivamente sobre-excitados. E' o lugar clássico dos fenómenos histéricos, das doenças nervosas, bizarras e pouco conhecidas: imeriak, menerik, o acesso de Anadir, etc.»

Tal é a residência escolhida pelo govêrno russo para a heróica mulher de setenta anos, ante a qual se inclina o mundo civilizado. Este excesso de crueldade é um desafio á admiração universal que ela suscita. Nunca o govêrno russo mostrou maior barbaria para com os presos políticos. O deputado Karenski proclamou-o recentemente do alto da tribuna:

«Os mais notórios carcereiros do tempo de Alexandre III sabiam respeitar em seus inimigos políticos o homem que pensava diferentemente deles, e quando o encerravam na fortaleza de Schlüsselburgo, com êle vinham palestrar por vezes. E alguns dêsses mártires, dêsses campiões da liberdade, voltaram-nos encanecidos, cingidos duma auréola de vinte anos de trabalhos forçados. E agora os filhos dêsses carcereiros célebres não hesitam em apossar-se de adolescentes de dezassete a dezóito anos, matando-os sistemáticamente a golpes de *knut*, à chibatada, à fôrça de queimaduras com ferro em brasa.

«E que fazem êsses carcereiros com uma mulher de setenta anos, glorificada na Europa inteira sob o nome de *avó da Revolução russa*, Catarina Brechkovskaia? Encerraram-na na ignóbil prisão de Irkutsk, selando-lhe a célula. E' uma atrocidade medieval. Pois não é um regresso à época em que os presos políticos eram encerrados vivos no túmulo?»

Este redobramento de opressão na Rússia e a tão impopular lei dos três anos em França, eis até hoje os únicos resultados da famosa aliança que devia a princípio garantir a paz universal. Contráriamente ao fim que ela declarava ter em vista, contribui para desencadear no mundo inteiro a loucura dos armamentos e mantêm-nos sob a ameaça contínua da guerra. Até hoje só serviu os interesses dos dois governos: urge que ela esposa a causa dos dois povos. Proporciona-se um belo ensejo. Enquanto não vem o melhoramento da sorte de todos os que na Rússia lutam pelo progresso, esperemos que a heróica «avó da Revolução russa», a nobre figura de grande coração que, na idade de setenta anos, sofre e luta ainda pela emancipação do povo russo, não tarde a deixar as galés onde vive há meio século!

Vera Starkoff.



SOB O REGIMEN DA FOME

Prosegue a agitação do Comité Proletario de Defesa Popular

Dos comicios anunciados para a semana passada só se realizou o da Barra Funda.

O que se devia realizar na Penha não poude ter lugar porque assim resolveu em seu alto criterio democratico o sr. dr. Eloi Chaves.

E' que para o mesmo dia estava marcada uma das costumeiras passeatas clericais e, como é sabido, nesta terra a gente da Igreja tem a primasia em todas as manifestações da vida social.

Em compensação, o comicio realizado no sabado á noite no bairro da Barra Funda teve um explendido exito.

O amplo salão onde se realizou foi pequeno para conter a concorrencia numerosissima que atendeu ao apelo do C. P. de D. P.

Falaram varios camaradas, confortados nos seus discursos pelos aplausos da compacta assistencia, que se mostrou animada e bem disposta.

Outros comicios vão ser realizados pelo Comité Proletario de Defesa Popular.

EM TEMPO DE GUERRA

NA CIDADE E NO CAMPO

I

A maré enchente

A maré sobe de dia para dia. Entra como conquistadora nas habitações ainha há pouco tranquilas, engolfa-se nos lares onde ha um mez se sorria. Sobe incessantemente, a maré negra das miserias, com um grande rumor de soluços.

Enquanto a invasão teutonica é represada por tudo o que o nosso paiz conta em mocidade valente, a penuria invade Paris, desarranjando não só os lares operarios, mas tambem os que até hoje apresentavam um certo conforto. E' a maior parte da população que sente já o horror das privações.

Criaram se caixas de socorro para as mulheres dos mobilizados. Está muito bem. Mas porque havia um dia destes, ao meio dia, á porta de certa *mairie*, um grupo de mulheres chorosas? Rodeavam o guarda municipal que vedava a entrada e expunham-lhe as suas queixas dilacerantes.

— E' meio dia, diziam elas, e não temos nada que dar aos nossos pequenos. Que vai ser de nós? No bairro, ha-as que receberam até 50 francos adiantados: não poderiam dividir?

O guarda ouvia-as e sentia-se ele proprio tão alterado, que não ousou pronuncia o imperativo: «Circulai!»

Existem tambem subsidios de desocupação. Perfeitamente. Mas porque é que diante de certo cinematografo, onde a fila dos pedintes começa a estacionar ás cinco da manhã, e mesmo ás quatro, abrindo-se as portas ás oito e meia e cerrando-se ás onze, há pessoas que, após oito dias de espera, ainda não tiveram o gosto de passar pela caixa? Ha assim familias muito numerosas que, tendo direito ao subsidio, nada receberam.

Outro facto. Na segunda-feira passada, ás onze e meia da manhã, umas cinquenta pessoas esperavam a sua vez diante do cinema feérico da rua de Belleville para obter o seu bilhete de desocupação. Alguns homens estavam ali desde o principio, sentados em bancos de lona ou no chão. Protestavam, reclamando o seus numeros. O empregado, não podendo mais, atirou ao ar um punhado de bilhetes disponiveis e os desgraçados precipitaram-se sobre eles, empurrando-se para os apanhar. Espectaculo penoso.

Ha outros que não teem trabalho, mas que foram esquecidos. Ha uma categoria completa de pessoas que viviam bastante bem, de dia para dia, desempenhando funções catalogadas como privilegiadas, e que hoje se vêem privadas de certificado de desocupação; não tinham patrão e pagavam ás vezes rendas de casa assaz elevadas. Nem por isso deixa de ser certo que sofrem como toda a gente e que em casa delas se faz sentir a fome. Um dia destes, vi um professor de musica cego, abandonado pelos seus alunos e reduzido á indigencia. Na sua bolsa, não havia mais de um franco; tinha esses vinte soldos e os seus pobres olhos mortos para chorar. Pediu licença para cantar na rua; mas os pedidos são tantos, que não obteem resposta.

Vi tambem uma mulher, professora particular, que escreve em jornais de modas. As secções mundanas não se publicam. E ela come pão sêco ha oito dias, indo em breve faltar-lhe esse mesmo pão.

Exemplo de outra ordem: um casal que, graças á situação do marido, vivia comodamente e ocupava uma casa de mil francos de aluguel. Algum tempo antes da mobilização, cai doente o marido: as economias passam para as mãos do medico e do farmaceutico. Morre o homem. Estala a guerra. A viuva já não tem um vintem. Não pode procurar trabalho, porque o não ha. Não tem direito a subsidio algum, não é sequer dispensada do pagamento da renda de casa no devido prazo. Procurou vender os moveis para comprar que comer: não teve compradores. Tentou empenhar o seu relogio de sala: sorriram-lhe. Teem-lhe concedido algum credito, mas não se pode emprestar sempre. Ela desespera-se, na sua habitação de mil francos por ano.

A guerra perturbou singularmente a ordem das coisas.

Marcela Capy.

ESCOLA MODERNA

Festa escolar e quermesse

Realizam-se no dia 11 de outubro, impreterivelmente, a festa escolar e a quermesse anunciadas em beneficio da Sociedade Escola Moderna de S. Paulo, que tanto necessita de auxilios para a manutenção de suas escolas e respectivo fornecimento de livros e materiais escolares.

E' certo que a crise se encontra ainda sem solução, em seu periodo mais agudo, mas tambem não é menos certo que os trabalhadores não precisam só de pão para a boca. Eles, além disso, precisam de educação e de instrução conformes com o metodo racionalista que lhes liberta a consciencia e dá aspiração para a liberdade e para a vida.

Assim, pois, faz-se mister a manutenção e o progresso de nossas escolas racionalistas mesmo a despeito de todas as dificuldades economicas.

E' por isso que a Escola Moderna de S. Paulo, no momento presente, sente-se com força para proseguir em seu arduo trabalho, certa do apoio de todos os livres-pensadores em favor de sua iniciativa.

A festa escolar e a quermesse anunciadas para o dia 11 de outubro, ás 3 horas da tarde, na Vila Taide, devem trazer-lhe, como resultado, algum beneficio economico.

E' de esperar-se que para esse fim concorram todas as pessoas que se interessam pela difusão do ensino racionalista esse S. Paulo, quer enviando prendas para a quermesse, quer comparecendo á festa no local e hora indicadas.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

—

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro Maximiano de Macedo, rua Sete de Setembro, 59, sobrado, Rio de Janeiro.

OS CANOS DAS MADRES E OS CANOS DOS FRADES

Encontramos em jornais portugueses e submetemos á apreciação dos nossos leitores um bocado de prosa que, a despeito de ser já do seculo XVIII, tem toda a oportunidade, visto que anda por aí muita gente com os canos entupidos. Leiam e... não se riam. Respeitamos a ortografia do documento.

Acordam da Relação sobre a contenda do caso das Freiras de Amarante.

(Copia dos autos que existem na Relação do Porto.)

Acordam em Relação, vistos os autos.

As autoras D. Abb.ª Discretos e mais Religiosas do Real Convento de Santa Clara de Amarante, mostraram ter um cano seu proprio por onde despejam as imundicies e enxurradas, o qual atravessa de meio a meio a fazenda dos frades Dominicios da mesma vila. Provaram elas, autoras, a posse em que estão de o limparem quando precisarem.

Os Reus, o Prior e mais Religiosos do Convento de S. Gonçalo assim o confessão e se defendem dizendo que lhes bulam e mexam na sua fazenda sem ser á sua satisfação, que conhecendo a necessidade da limpeza dos canos das Madres, tinham feito unir o seu cano ao delas, para mais facilmente se providenciarem as cousas por cuja modo vinham a receber proveitos. Portanto e mais dos autos, vendo-se claramente que aquela posse só poderá nascer do abuso, vendo-se mais a boa vontade com que os reus se prestam e obrigam a limpar o cano das Madres autoras e que outro-sim da união resulta conhecido beneficio: conclue-se visivelmente que taes duvidas e questões da parte das Madres só podem nascer de caprichos sublimes, dum temperamento ardente que precisa ser mitigado e para o bem de ambas as partes. Pelo que mandam que o cano das autoras seja conservado sempre corrente e desembaraçado, unido ou não unido ao cano dos reus segundo o gosto destes e inteiramente á sua disposição sem que as freiras autoras possam intrometer-se no dia ou hora nem nos modos ou maneiras da limpeza, a qual fica entregue á vontade dos Reus que hão de fazer com prudencia e bem por terem bons instrumentos seus proprios, o que é bem conhecido das autoras que o não negarão nem contestarão e quando acontessa, o que os reus de proposito ou por omissão deixem entupir o cano das Madres, em tal caso lhes deixam o direito salvo contra os Reus podendo desde logo governar na limpeza do dito cano mesmo por meios indirectos usando do cano dos priores, procedendo primeiro a uma vistoria feita pelo Juiz de Fóra com assistencia de peritos e louvados, sobre o cano das autoras e reus.

Paguem-se as custas do processo.

Porto, 11 de novembro de 1793.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Assembleia geral

De ordem da directoria, são convidados os srs. associados a comparecer á assembleia geral a realizar-se quinta-feira, 1 de outubro.

Ordem do dia: Comemoração do dia 18 de Outubro, aniversario do fuzilamento de Francisco Ferrer.

O secretario — *Carlos A. de Lacerda.*

FESTA DE PROPAGANDA

Por iniciativa do Centro Libertario de S. Paulo, em 10 de outubro ás 8 horas da noite, no Salão Alhambra, á rua Marechal Deodoro, 2 (Largo da Sé), será realizada a 3.ª festa familiar e de propaganda.

PROGRAMA:

1.ª PARTE — *La Repubblica*, comedia social de G. Damiani.

2.ª PARTE — *Alla Conquista Dell'avenire*, de P. Gori, declamada pela companheira E. Gattai.

3.ª PARTE — *Conferencia.*

4.ª PARTE — *Baile familiar e quermesse.*

FOLHETIM DA LANTERNA (37)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XVII

Joana

De Villasequilla, via crescer de dia para dia o descontentamento da classe mesteirosa contra os nobres de Valencia, os quais, simultaneamente ameaçados pela tempestade popular, amedrontados ante uma epidemia colerica e inquietos com o aproximar-se duma frota muçulmana, começavam a abandonar a cidade. Preparava-se assim pouco a pouco o terreno, e chegaria sem duvida um dia em que havia de bastar que nele caisse uma fagulha para provocar uma explosão formidavel.

Em Castela, teria a monarquia certamente que contar com os habitantes das cidades. Homens como Padilha, Bravo, os Maldonados e o proprio Laso saberiam defender contra as usurpações do poder rial as velhas franquias comunais. Em Valencia, onde eram diferentes os elementos — plebeus e artifices — o movimento havia de ser por certo menos politico e mais social.

Os futuros *comuneiros* de Castela e *agermanados* de Valencia ignoravam-se reciprocamente. Era essencial que se conhecessem, pois da sua acção comum e coordenada podia surgir, não já uma insurreição passageira, logo isolada e sufocada, mas a verdadeira revolução. A revolução! Huerta, que no entanto não era um vão sonhador, entrevia-a com a esperança apaixonada dum mistico a profetizar o *millenium*. Se a Espanha popular se levantasse, dando a mão a essa Alemanha fremente á voz de Lutero, esse facto podia ser a libertação universal!

E Huerta, esquecendo-se por um instante das suas angustias paternas, de novo se entregava aos seus devaneios.

Joana permanecia inteiramente muda, não tocando nos alimentos que ela pousara sobre a mesa. Nem sequer via o pai: o seu pensamento estava alhures, ou, para melhor dizer, esse pensamento era todo absorvido, resumido por uma imagem unica: a de Padilha.

Veio a noite, ainda mais triste do que o dia. Nas trevas, diante dos olhos abertos da donzela, era sempre o cavaleiro que surgia.

Quando, ao despertar, Huerta viu as feições da filha transtornadas pela insonia, suspirou. Aquela face caida, aqueles olhos ardendo em febre diziam-lhe a grandeza do mal; não havia tempo a perder para experimentar esse derivativo bem duvidoso: a ausencia.

— Amanhã partiremos, disse ele.

Joana recebeu um choque.

— Para onde? perguntou ela, muito palida.

— Para Valencia.

A decisão do pai aterrava-a. Sentia-se ainda mais desgraçada, coisa que um momento antes ela teria julgado impossivel. Partir! isso era afastar-se — talvez para sempre — de Padilha, renunciar á menor esperança de o encontrar. Por mais desesperada que estivesse por não ser amada por ele, nunca mais o ver era pior ainda: era o cumulo!

Huerta leu claramente este pensamento nos olhos transviados da filha. Com infinita suavidade, junta á firmeza duma resolução inabalavel, disse apenas:

— Assim é preciso, minha filha.

Joana não replicou uma palavra: parecia mudada numa estatua da dor. Os olhos mantinham-se-lhe secos, os soluços que lhe entumeciam o seio não podiam sequer desfazer-se em lagrimas.

Muda, com gestos de automato, cuidou rapidamente, como todas as manhãs, dos arranjos de casa; depois, com alguns vestidos e roupa branca num saco de viagem, deixou a habitação. Aonde ia? Ao certo, não o saberia ela dizer. Levava-a para a estrada uma especie de instinto. Talvez Padilha voltasse naquele dia, retomando o caminho de Toledo, e ela poderia vê-lo pela ultima vez.

Joana fechara sobre si a porta de casa e, sem volver a cabeça, caminhava para a estrada de Aranjuez, a que o cavaleiro seguira na vespera, depois de se ter despedido dos seus hospedes.

— Aonde ides, minha filha?

Estas palavras, pronunciadas em tom mais inquisidor do que paterno, fizeram de subito erguer a cabeça a Joana: perto dela estava o padre Nocedal. A moça sentiu uma sensação inexplicavel: qualquer coisa como o frio repentino duma lamina de aço a atravessar-lhe o peito. Com uma voz na qual tremia um pouco a sua perturbação, respondeu.

— Eu, senhor cura, vou... para os lados de Castillejo.

O padre franziu a testa, tendo notado a hesitação de Joana e vendo-a pouco disposta a confidencias.

— Andais com misterios, disse ele severamente. Como vos aprouver! Deixai-me, porêm, lembrar-vos que sois minha paroquiana e que, em tal qualidade, me interessa mui particularmente a salvação da vossa alma.

— Senhor cura...

Deteve-se, muito franca para agradecer a contra-gosto tanta solicitude, muito prudente para deixar escapar alguma palavra irreparável.

— Vejo que não gozo da vossa confiança, prosseguiu o autoritario pastor com uma amargura mesclada de ironia. Decerto escolhestes outro guia espiritual, a quem abris o coração? O meu desejo é que seja acertada a escolha. Apresentai os meus cumprimentos a vosso pai, e dizei-lhe a minha pena de o ter visto uma só vez, assim como a vós tambem, na minha igreja.

Havia como que uma ameaça velada nestas palavras friamente corteses. Joana fingiu que as tomava como uma frase de despedida e, saudando o padre com uma reverencia, apressou-se a pôr termo, com uma retirada rapida, a um dialogo parecido com um interrogatorio.

Afastava-se cada vez mais da casa paterna, pois era-lhe dificil retomar o caminho, logo depois do que ela acabava de declarar ao cura. Este encontro, aliás, não a levava a esquecer-se de Padilha nem a renunciar á esperança de o ver.

O cavaleiro, com certeza, empreendera apenas uma curta viagem: se não, ter-se-ia feito acompanhar por um escudeiro e alguma bagagem. Talvez voltasse a Toledo, logo depois de ter visto aquela que ele amava.

Aquela que ele amava! Ao pensar na outra mulher, que lhe roubara o coração de Padilha, Joana sentia agora misturar-se-lhe com o desespero uma especie de raiva. Na vespera, tamanha fôra a sua prostração, que não experimentara esse sentimento de furor; mas agora vinham-lhe acessos de odio contra essa rival.

E no entanto Joana era radicalmente boa; mas não estaria apaixonada nem seria espanhola, se não sentisse as serpentes do ciume sibilarem-lhe no coração.

Estugava o passo, corria quasi, para se pôr fora do alcance do cura Nocedal. Atravessando a aldeia, que parecia morta, pois os homens estavam trabalhando nos campos e as mulheres conservavam-se fechadas em suas casas, passara diante da imagem da Virgem, sem parar para rezar ou ao menos para se ajoelhar. Tinha apenas saudado o idolo cristão com um aceno de cabeça, o menos que a prudencia lhe aconselhava.

Estava agora a meio caminho de Castillejo. Na sua frente, um pouco á esquerda, surgia aquela aldeia com as suas casitas de barro, cercadas de sebes; á esquerda, coroada por um tufo de arvores e dominando a estrada, erguia-se uma eminencia, para a qual Joana se dirigiu. Dali avistaria até grande distancia os viandantes que porventura viessem.

Acabava a donzela de subir a pequena encosta, quando ouviu, a saudá-la, esta exclamação pouco polida:

(Continúa).

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetano Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Ferrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de *A Aurora* para 1913	1$000
Almanaque de *O Livre Pensador*	$500
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*	$200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa*	$200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição*	$200
Dr. N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus*	$200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato*	1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa*	2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Luis Bulfi, *Greve de Ventres*	$200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado*	$300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere*	$600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras*	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*	$200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural)	$100
Errico Malatesta, *Entre camponeses*	$200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro*	2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes)	1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*	$200
Antonio Labriola, *Del Socialismo*	$400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico*	$400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia*	$300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo*	$200
P. Guarino, *Sole a Scacchi*	$400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale*	$300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura*	$400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici*	$200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo*	$200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci*	$200
F. Niccolini, *Il pane gratuito*	$200
Guido Podreca *Il divorzio*	$200
Maximo Gorki, *Interviste*	$600
» » *Il compagno*	$200
» » *L'uomo*	$200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria*	$200
» » *I prodotti della terra*	$200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane*	$200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio*	$200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool*	$200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista*	$200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia*	$300
» » *Operai, non bevete!*	$100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura*	$200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese*	$300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza*	$100
» » *Consigli e moniti*	$100
E. Vandervelde, *Le città Piovre*	$200
C. Andrea, *Un Sogno*	$100
» » *Il socialismo*	$100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo*	$300
» » *Lo Sciopero*	$100
E. Ciacchi, *Ai contadini*	$100
» » *Le nostre Leghe*	$100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti*	$100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale*	$200
G. Renard, *Agli Studenti*	$100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale*	$300
A. Valente, *Conferenze socialiste*	$300
A. G. Paoloni, *Primo Maggio*	$100

B. Carlantonio, *Le Istituzioni é la Morale*	$100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi)	$300
» » *Per la riduzione delle spese militari.*	$300
Resoconto del 1.º *Congresso dei lavoratori della terra*	$200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gica	$800
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña	$400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte*	$200

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

* *

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1000 fazendeiros que attestam a utilidade deste importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Rua Santa ... — S. Paulo.



Mais um caso de brilhante exito sobre a efficacia da

EMULSÃO DE SCOTT

O gracioso menino, cujo retrato adorna esta columna conta agora com 3 annos de idade, apresenta no seu rosto a alegria que hoje experimenta, e a gratidão de que está possuido para com a **Emulsão de Scott,** á qual deve a reconquista da sua saude, no seu semblante demonstra a melhor expressão.

Vejam o que dizem o Sr. Joaquim Pazo, digno gerente do Hotel Guanabara, pae do menino Rodolfo Pazo, e o distincto chimico Dr. Alfredo Freitas de Sá que a elle assitiu com feliz resultado:

"Vindo da Europa na tenra idade de 18 mezes, o menino Rodolfo apanhou durante a travessia um forte resfriamento que lhe occasionou mais tarde serios embaraços nos orgãos respiratorios.

Submettido ao tratamento de summidades medicas e tendo tambem empregado diversos especificos apregoados para taes soffrimentos, sem resultado algum, os paes resolveram entregal-o aos cuidados do Dr. Alfredo Freitas de Sá, que não tardou em conhecer que o menino estava soffrendo de bronchite Capillar, achando-o em um estado de extrema debilidade; decidiu receitar a Emulsão de Scott, o verdadeiro Especifico sem rival contra estas molestias, e foi tão feliz o resultado que depois de ter tomado 6 vidros d'este afamado preparado, ficou perfeitamente restabelecido e goza da mais perfeita saude.

JOAQUIM PAZO."

Confirmo a declaração supra.

RIO DE JANEIRO. DR. ALFREDO FREITAS DE SÁ.

Cada frasco da Emulsão de Oleo de Figado de Bacalhau que tiver um que comprar deve procurar que levasse a marca que mostra este desenho, pois esta marca significa o mesmo que a marca da lei que se encontra nas joias de prata ou ouro.

Emulsões que não levam esta marca são o mesmo que uma prenda falsa, dourada ou nickelada, feita de materiaes baratos.

A' venda nas Pharmacias e Drogarias,

SCOTT & BOWNE, Chimicos, Nova York

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inquéritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do país)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livresdo porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	4?$000
100 » »	1?$000
50 » »	?$000
Avulso	100

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bage — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio, 32
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500
Pelo correio 1$700.

Coleções completas da "Lanterna

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4 RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario communista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »